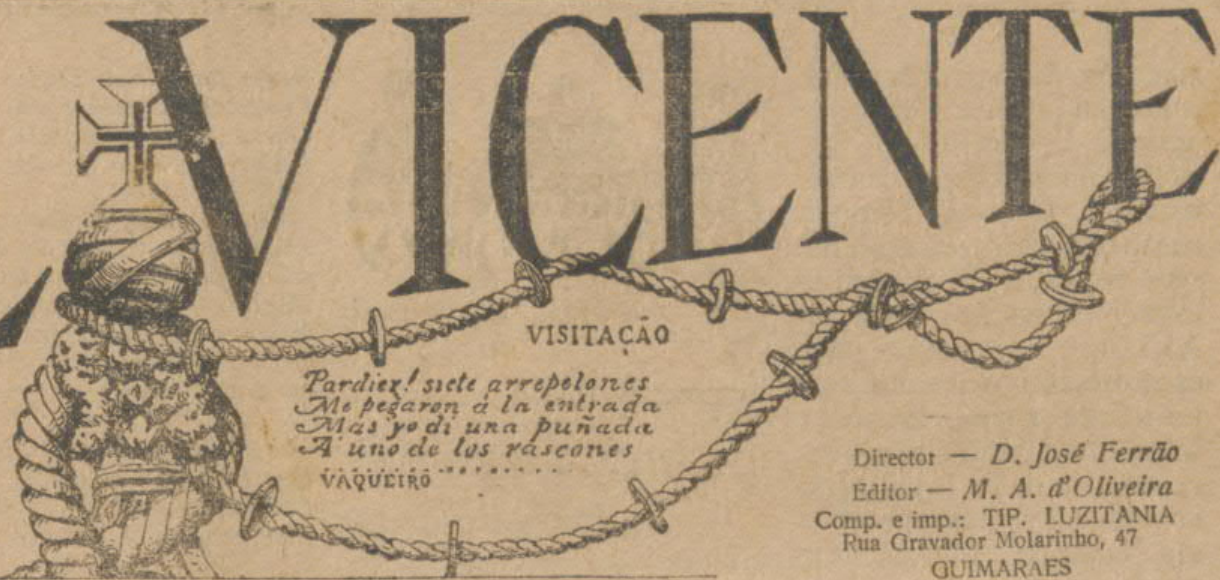


Semanário monárquico-Integralista
(Literário e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
No pegaron a la entrada
A' uno de los rascones
VÁQUEIRO*

Director — D. José Ferrão
Editor — M. A. d'Oliveira
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARAES

AZAS DO "PORTUGAL"

Mais uma nova conquista da aviação portuguesa; mais uma gloria para Portugal

Depois do feito glorioso de Coutinho e Cabral a Raça Portuguesa, representada por Pais, Beires e Gouveia lá foi nas azas do *Portugal* praticar um novo e heroico feito. E' a velha lenda revivendo ainda — que na alma portuguesa jamais se extingue a fé nos seus destinos.

Nos momentos de apagada e vil tristeza, quando a vida da Patria, como agora, é um aflitivo grito de socorro, ha ainda Alguem que animado do mais fervoroso amor-patrio atravessa os ares numa fragil embarcação, junto de novos ceus, e proclama bem alto que o Portugal doutras eras, embora abatido e humilhado, não pereceu.

Nas horas de aflitiva anciedade e incerteza, a alma generosa e ardente do nosso povo encheu-se do amor da terra e acompanhou sempre os heroicos aviadores.

E' que o presente, de que somos testemunhas, constitue um élo entre o futuro e o passado. E serão sempre imcompreensíveis os acontecimentos actuais, se os isolarmos dos factos que os precederam.

A religião da Patria cria um deus real: vê-se, sente-se, apalpa-se na sua Historia, nas suas artes, nas suas paisagens cobertas de luz e murmúrio; ouve-se falar no claustro pleno dos seus heróis.

O feito heroico dos tripulantes do *Patria* constitue mais uma pagina brilhante para a nossa Historia imortal.

Cobriu se de gloria a Aviação portuguesa.

O nome de Portugal refulge glorioso, graças ao cometimento tão feliz levado a cabo pelos nossos intrepidos aviadores.

Exultemos!

Outra vez a Raça demonstra ao mundo que a alma forte e crente que desprou os perigos e afrontou destemidamente os mares ignotos, que levantou a Cruz e abateu o crescente do Islam, não morreu. Dorme, apenas, para ser mais belo o seu despertar.

Clarão de epopeia a inundar-nos de luz o *raid* Lisboa Macau é um lindo poema que

se escreveu no grande livro da Historia.

"Eduquem se as almas ao contacto salutar das nossas glorias e dos nossos poetas, dos nossos soldados, dos nossos arditos navegadores. Voltamos ás claras fontes da inspiração nacional.

Recorde-se a luz imprecisa da manhã de Ourique, gerando uma aurora; o milagre de Aljubarrota e o sonho de Sages:—o sonho e a ventura da Raça; a cantiga do Longe embalando as praias (murmúrio de tentação ouvido como uma reza); a demanda mistica do Preste João; a saudosa abalada pelas sete partidas do mundo; a Nau Catrineta á flôr das ondas...; as invasões e os assédios; o sino do concelho convocando os bêsteiros acutiados á corrediça do muro e espalhando as Avé-Marias no crepusculo da tarde; os cancioneiros da Côte e os Rimances populares; as lendas e os contos dos recantos quentes das lareiras; as estâncias de bronze dos *Luziadas* e a voz meiga e limpida de Bernardim e Crisfal; os periodos sonoros do Padre Vieira e os beijos carinhosos de Bernardes nos pés da Cruz de Jesus...

"Ponham-se num altar as Taboas de Nuno Gonçalves e, em louvor do sangue antigo, rezem se diante delas os suspiros cristãos da *Historia tragico marítima*, — o maior grito de dôr que a humanidade ouviu, livro que não tem par em nenhuma outra literatura!

Exultemos!

GLÓRIA A PORTUGAL!

GLÓRIA AOS HEROICOS AVIADORES!

M.

A Republica é isto

Depois de todas as traficancias ignobeis em que o regimen republicano tem sido fértil, surge-nos o governo do sr. Alvaro de Castro disposto a levar até ao caos final a bambochata governativa em prejuizo dos sagrados interesses da Nação.

Não ha *carrapata* que se não pratique. Não ha brio,

não ha dignidade, não ha nada sequer que se lhes assemelhe.

A pilhagem continúa impune, desenfreada, á conquista de dinheiro para os cofres publicos, sempre insaciaveis, sempre vãos, sem se olhar aos meios empregados, á extorsão violenta, verdadeiramente criminosa.

Todos os meios servem desde que os fins—sejam eles quais forem — sejam atendidos.

E, assim, enquanto os créditos do Estado são descaradamente roubados, enquanto que de tudo se lança mão para fazer dinheiro, não se sabe ainda o que foi feito dos **74:000 CONTOS** que desapareceram nas operações de venda das cambiais de importação, retidas pelo Estado; no que resultou a sindicancia sobre os escandalos na Exposição do Rio de Janeiro, etc., etc.

Segue tudo o mesmo caminho de impunidade que estão desfrutando os que se abotoaram com o produto das tranquiernas dos Bairros Sociais, dos Transportes Marítimos, da Furness, dos fogos postos, dos selos do «raid», dos sessenta milhões de moedas, das mercadorias alemãs e de tantas outras roubalheiras.

A republica é isto.

De um lado a pavorosa situação financeira, a ancia de arrancar dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro, ao contribuinte.

Do outro os serviços desorganizados, as greves dos correios e outras, o caso da Amadora, o concurso negado ao glorioso empreendimento do «raid» Lisboa-Macau.

E como se tudo isto ainda fôsse pouco, os ministros pactuam com os anti-catholicos e, em linguagem bunda, dão o dito por não dito e desaprovam os Estatutos do Corpo de «Scouts» Catholicos, para evitar *inconvenientes scissionistas e a parcaalidade ideologica*, calinadas celebres dos ultimos anos em Portugal.

A republica é isto: inimiga da Nação, suga-a até aos derradeiros centavos de papel; enxovalha e persegue, como regimen de *liberdade*, tudo quanto não agrade ás suas clientelas e á sua aliada inseparavel a Maçonaria.

Desenganem-se os que ain-



O Avião

*Subiu! Subiu na épica Ascensão
que deixou toda a Raça entusiasmada!
E, avassalando o azul, foi de jornada
pelas selvas ideaes da viração...*

*Subiu! Subiu doirado de ilusão,
num halo de ambição divinizada,
Como a imagem de uma hostia consagrada
que as mãos de Deus erguessem na amplidão!*

*Porque venceram, na bemdita empreza,
duas almas da terra portugüesa
suspensas sôbre um átomo veloz?!*

*Porque o avião era a Fé que nos levanta,
e no motor que ruga, e clama, e canta,
vibrava o coração de todos nós!...*

TOMAZ RIBEIRO COLAÇO.

A todos os portugueses

No meio da anarquia
crescente sejamos
disciplinados

Ante a desorganisa-
ção do Trabalho
saibamos trabalhar

A grandeza da Nação depen-
de da nossa disciplina
social e do nosso trabalho

Portugal é um paiz que morre pelo abandono, pela indiferença de nós todos. O esforço que realizamos não é bastante para a luta formidavel em que a vida internacional nos envolve.

A guerra entre as nações não cessou. Seguiu momentaneamente outro caminho. Saibamos lutar nesta guerra como soubemos sofrer na outra. Saibamos reagir em tudo contra o marasmo e a miseria em que temos vivido. O movimento de salvação nacional que empreendemos não se realiza-

da esperam alguma coisa da republica.

Inimiga da Nação, todas as consciencias honestas a devem combater, para que a Patria se restaure.

PORTOS.

rá, se quizer vencer, apenas na vida politica. E' preciso que acordem todas as energias, que se organizem todos os esforços, que se impulsionem todas as vontades para o mesmo fim de renovamento e de grandeza nacional.

Vivemos de uma falsa vida, gastando a nossa riqueza ano apoz ano sem a renovarmos nem alimentarmos.

O nosso principio de vida tem sido um parasitismo completo. Trabalho improdutivo nos cidadãos, desperdicio e incompetencia nas corporações, roubo e indiferença no poder publico.

Só um paiz com os nossos recursos naturais poderia resistir, como nós temos resistido, a uma onda de perversão tão completa. Para alguns, estas consequencias do descalabro já parecem fatalidades per-

manentes da raça. Clamamos contra tal infâmia. Portugal é um paiz de trabalho e de disciplina, um paiz capaz de viver uma vida real como corpo de nação organizada, vivendo dos seus recursos. O esplendido esforço económico do século XVI mal interpretado pelos escritores anti-nacionalistas que teem feito a nossa historia, o forte e bem realizado esforço económico de D. João III provam do que somos capazes como Nação de economia independente e expansiva.

Nunca como hoje as possibilidades se juntaram para uma boa organização de nação económica.

Facilidades internacionais, despertar de energias no interior, cooperação dos grandes nucleos da Raça no mesmo fim tornada viavel se a souberem realizar.

Que esperamos para organizar o conjunto económico que permita materialmente a vida á Nação moral que queremos renovar?

Uma Nação é alem de tudo o mais um conjunto económico com os seus capitais, as suas concentrações industriais, o seu commercio organizado, a sua frota mercante, a sua organização do trabalho.

Se não trabalharmos seremos vencidos por outros grupos económicos. Virão capitais estrangeiros inundar-nos.

Virá a pobreza de exportação fazer das nossas industrias e do nosso povo, e dos operarios em especial, os escravos dos Nucleos económicos do estrangeiro.

Pensem os patriotas na grandeza da Nação. Pensem os egoistas que só da riqueza da Nação se fará a riqueza segura dos seus filhos. Irmanemo-nos todos numa grande vontade de luta, de renovamento, de expansão.

Exijamos outro regimen de trabalho com garantias para os operarios.

Exijamos a disciplina do trabalho com a proibição das greves e do lock-out.

Exijamos a defeza e a organização do capital portuguez util á nação desde que seja bem aplicado no seu fomento

Castiguemos os que se servirem do capital ou do trabalho contra a Nação e a sua disciplina.

Façamos os esforços de salvação que em tudo possa servir Portugal.

Construamos uma Nação prospera e rica com o nosso trabalho com a nossa disciplina, com o nosso esforço de todos os dias.

P. Manoel de Freitas Junior

Para Caminha, terra da sua naturalidade partiu o nosso presado amigo e camarada snr. P. Manoel de Freitas Junior, que aqui exerceu o cargo de coadjutor da parochia de Nossa Senhora da Oliveira, tendo conquistado geraes sympathias.



Quadras gentis

PARA cravos de papel

Já o Santo Antonio se foi, entre nuvens de descantes e de folguedos. E já o S. João assoma, com seus mangericos verdes da cor da esperança, onde se destaca o sangue vermelho dos cravos.

Andam sobressaltadas as almas das cachopas e os peitos dos namorados ardem na chama do mais quente Amôr.

Mês de Julho — mês dos santos que o povo admira, que o povo adora! Há devotos que te esperam como quem espera a Terra Prometida—Terra de alegria, de bailados e de cantigas, ao som plangente de violas cantando a Dôr e o Amôr com as mesmas cordas.

Mês de alegria em que o Amôr se expande, em que o Amôr anda nos lábios e nos corações, em preces e em cantigas! E's tu o mês dos namorados, o mês dos que teem a alma a arder no fogo da paixão e os olhos encantados da beleza das bem-amadas!

Essa paixão, esse amôr, ninguém os exprime melhor que as cantigas—confissões espontaneas e ritmadas das almas que se abrem e que se dão inteiras aos olhos e ás bocas do mundo que não as comprehende e que se ri delas, estupidamente—como se o amôr não fosse uma das coisas mais belas da vida!

De todas as formas poéticas, a quadra é a mais popular, a mais querida de toda a gente. A quadra tanto serve para dizer as maguas dos estudantes e os amores dos salões como as alegrias inocentes dos camponios rudes.

Se a unidade é a perfeição e uma coisa é tanto mais perfeita quanto mais se aproxima da unidade—em poesia a quadra é a perfeição, a perfeição possivel.

Em quatro versos singelos podem exprimir-se todos os sentimentos. O Amôr, a tristeza, o delirio, a ternura, o odio, a ironia, tudo pode passar numa quadra.

Ha-as que são sangrentas como punhaes assassinos sangrentas de ironia, mordazes, contundentes; outras teem a languidez de uma dança lasciva; outras ainda são brandas como um fio de água corrente, deliciosas como o gorgoio dum rouxinol do Mondego.

Podiamos transcrever aqui, a confirmarem estas palavras, centenas, milhares de quadras, onde o Povo canta a sua alegria, a sua dôr, a sua saudade da bem amada, da nossa gloria da mocidade que já não volta. Mas é outro o nosso fim: oferecer ás nossas leitoras, para os cravos de papel dos seus mangericos, lindas quadras que as mãos gentis dalgumas das melhores poetisas portuguezas graciosamente lhes quizeram oferecer, por nosso intermédio.

Dona Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, figura admiravel de mulher, cuja vida tem sido um constante sacrificio pelos que sofrem e cujas qualidades requintadas de artista se teem revelado na «Lisboa Triste», no «Livro du Passé Mort», na Evocação de Rendas, nos «Poemas da Cór e do Silêncio», canta no santo mais popular de Lisboa, o padroeiro alegre e bom dos que comecam a sobrear o fruto venenoso e doce do Amôr:

Santo Antonio de Lisboa Protector dos namorados Que o seu amôr abençõe E lhes perdõe os pecados...

D. Fernanda de Castro, poetisa cujos versos teem um delicioso sabor popular e que na «Ante Manhã» e nas «Danças de Roda» deixou quadraz admiraveis para decorar e cantar, canta a saudade do Amôr ausente:

Na minha aldeia ha uma fonte Que não pára de correr, Feita de pranto que eu choro Com pena de te não vêr.

Dona Maria de Caryvalho, a autora dos «Sonetos» e das «Folhas», onde passa uma doce melancolia, aliada a uma grande simplicidade, que encanta e prende, pôz em verso um lindo pensamento do padre Antonio Vieira:

Pinta-se o Amôr pequenino Para toda a gente vêr Que tão pouco tempo vive Que nunca chega a crescer...

Dona Oliva Guerra, a poetisa dos «Sonetos Espirituais», canta a paixão que faz arder em labareda a alma e a consome com o seu fogo inextinguivel:

Como alcachofra em fogueira Todo o que souber amar Queima a alma toda inteira Para o seu amor provar.

Dona Judit Teixeira cujo ultimo livro «Castelo de Sombras» é um reflexo da tempestade sentimental que a agita, deu-nos esta quadra onde passa a doce sensualidade da noite de S. João, com cravos vermelhos a encherem de sangue os mangericos e comunhões francas dos sentidos a perturbarem as almas das cachopas:

Na noite de S. João Ao som de alegres cantigas Anda o luar pelas fontes A beijar as raparigas

Dona Beatriz Delgado, a poetisa sentimental da «Amorosa» e do «Ritual do Amôr», confessa-se nesta quadra singela:

As contas do meu rosario São as falas do meu bem. Eu rezo todas as noites E não o digo a ninguem.

Propositadamente, deixamos para o fim Maria Leonor Reis—mais nova das senhoras que tão gentilmente quizeram, por nosso intermédio, oferecer ao povo quadras para os seus cravos de papel. Filha de Carlos Reis e irmã de João Reis—dois nomes que ma'cam na pintura nacional,—D. Maria Leonor Reis pôe nos seus versos, onde palpita uma alma de artista, um a graça ingenua que nos fala ao coração e nos canta de mansinho aos ouvidos como o fio cristalino da agua dum repuxo:

Onde está teu coração? Decerto não adivinhas... Meti-o dentro das mãos Para o trazer nas palminhas...

Quadras de Amôr, de Saudade, de ironia e de tristeza — elas ai ficam para o povo as cantar á desgarrada nas noites de S. João, quando os cravos vermelhos enchem os ares do seu perfume quente e sensual e os balões vermelhos e os ruidos das fanfarras andam a despertar os sentidos das donzelas ainda virgens dos diabolicos pecados do Amôr.

FELIX CORREIA

XXXXXXXXXXXXXXXXX
LEDE E PROPAGAI O GIL VICENTE.

«Raid» Lisboa Macau

A noticia da conclusão do raid Lisboa-Macau foi recebida nesta cidade ás 10 horas da manhã do preterito sabado.

Estralejaram foguetes e apitaram as sirènes das fabricas.

A' noite, promovida pela officialidade do nosso regimento, realizou-se uma marcha luminosa que percorreu as principais ruas da nossa cidade, incorporando-se a banda regimental, Academia, Associações, Scouts, Officialidade, Bombeiros, professorado, e muito povo.

Dr. José Machado

Pela ultima ordem do exercito, foi condecorado com a medalha de prata de bons serviços prestados em campanha, o distinto tenente-medico de Infantaria 20, snr. Dr. José Joaquim Machado Guimarães, combatente da Gran-Guerra.

Os nossos cumprimentos.

S. João

Esteve muito concorrida a festa ao S. João, no alto dos Palheiros, tocando durante a tarde e a noite a afamada banda dos Bombeiros Voluntarios.

Julgamento

No proximo dia 2 será julgado no Tribunal desta cidade o assassino do infeliz Carôto.

Certos estamos que o juri não se deixará levar por quaisquer influencias, mas simplesmente praticará justiça.

E' o que reclama o povo da nossa terra, todos quantos conheciam o assassinado e todos os seus companheiros de trabalho Assim o esperamos.

«Nação Portuguesa»

Saiu o n.º 12, — o ultimo da 2.ª serie — desta excelente revista de cultura nacionalista, a melhor publicação existente em Portugal.

E, atendendo á crise tremenda da mentalidade portugueza, esta revista representa um grande e admiravel esforço.

E' o seguinte o sumario do n.º 12.

Mais longe ainda; As grandes linhas da filosofia tradicional, por Avelino Soares; *Os combustiveis em Portugal (II)*, pelo Eng. João Perpétuo da Cruz; *Dois séculos de penitencia (II)*, por Cesar de Oliveira; *Literatura brasileira*, por José Osorio de Oliveira; *A Religião da Beleza*, por

Antonio Sardinha; *A abrilada* (Excerto do livro a sair. «Vida e reinado de D. Miguel I. Rei de Portugal», tradução de D. João de Almeida) pelo Dr. A. Herschen; *Das ideas, das almas & dos factos*.

Revista admiravel de propaganda em prol da restauração de Portugal, extratamos do artigo *Mais longe ainda*, esta bela passagem reveladora de um profundo amor-pátrio.

«... nós não levantaríamos nem o dedo minimo, se salvar Portugal fosse salvar o conúbio apertado de plutocratas e arrivistas em que para nós se resumem, á luz da perfeita justiça, as «esquerdas», e as «direitas»! Desdobrem-se as asas da nossa aspiração! Mais longe, muito mais longe ainda! E que a ancia em que a alma se nos dilata não se deixe nunca succumbir diante da vastidão incomensuravel dos caminhos a percorrer!»

Por tão feliz exito saudamos muito e muito a *Nação Portuguesa*.

O primeiro numero da 3.ª série deve ser publicado no proximo agosto.

A redacção e administração é no Largo do Directorio, 8-3.º — Lisboa.

EDITOS DE 30 DIAS

Correm no Juizo de Direito desta comarca, citando o interessado Antonio Alves, solteiro, auzente nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de sua mãe Ana Correia Salgado, viuva e moradora que foi no lugar das Figueiras, freguesia de Oleiros, desta comarca e no qual é inventariante Vitorino Alves, casado, proprietario, da mesma freguesia, e deduzir os seus direitos querendo, sendo esta citação sem prejuizo do mencionado inventario.

Guimarães, 3 de Junho de 1924.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Amadeu S. Guimarães

O escrivão

Luiz Candido Lopes.



Ex.ª Snr.